

O CASTRO DE FIAES (II)

Por
Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Eugénio dos Santos

As escavações do castro de Fiães (Monte de Santa Maria), reiniciadas no Outono de 1971¹ foram realizadas com uma intenção pedagógica marcada — pretendeu-se facultar aos alunos da Faculdade a prática da Arqueologia. A estação presta-se bem a este desiderato tanto pela abundância e variedades de cerâmicas como pela clara estratificação do terreno.

Os resultados desta campanha, que vamos expor, não serão muito importantes ou esclarecedores mas, mesmo assim, parecem de apreciar.

Como se pode ver pela planta sumária ² que apresentamos (Est. I) escolhemos para abertura dos primeiros quadrados o local que fica a nascente da capela de Nossa Senhora da Conceição (Est. II, 1) que, no Diário das Escavações,

¹ Reiteramos, uma vez mais, os nossos agradecimentos ao Senhor Dr. Domingos da Silva Coelho, então Presidente do município, que acarinhou quanto pode a iniciativa do recomeço das escavações.

Este trabalho foi realizado dentro do Projecto de Investigação PL-2 do Instituto de Alta Cultura.

² Foram já recolhidos elementos para uma planta topográfica exacta, mas ela ainda nos não foi entregue. Oportunamente será publicada.

foi denominado Sector A. Aí foram abertos três quadrados designados, a partir de norte, por I, II e III, como na planta (Est. I) se mostra. O II foi prolongado no sentido poente com intenção de recolher uma amostra estratigráfica mais completa e reconhecer uma parede, na planta marcada com a letra A. Este aumento fez do quadrado II um rectângulo.

De maneira genérica, a escavação revelou-nos uma zona bastante atolhada, cujo espólio, na sua grande parte, remontará aos sécs. IV-V. Só numa pequena porção do rectângulo II, na parte sudoeste, se encontrou um estrato, que continua para debaixo do adro da capela — o sétimo — que poderá, talvez, atribuir-se aos sécs. I-II. Os restos de parede, descobertos, são tardios, de aspecto relativamente pobre, com um ou outro fragmento de tégula no seu paramento. Pertencia a um edifício modesto, pois têm alicerces muito frustes e o aparelho é pequeno (Est. II, 2).

Como a planta nos mostra, há, na parte central da zona escavada, uma parede quase no sentido este-oeste e cujo remate, para nascente, ainda não foi descoberto. A poente, a sua altura vai diminuindo até acabar por desaparecer. A escavação desta zona mostrou-nos que o estrato 7 foi destruído ao cavar-se o alicerce para lançar esta parede.

No espaço do quadrado III apareceram dois muros, assinalados na planta (Est. I) com as letras B e C, que estão interligados (Est. II,3). A destruição da banquetta, entre o III e II quadrados, mostrou que, por sua vez, a parede B se unia à parede A anteriormente descrita. Estes três muros deveriam fazer parte do mesmo edifício por estarem interligados, serem de largura correspondente e terem orientação, estrutura e aspecto condizentes. O muro C, com cerca de meio metro de altura, encontra-se encostado a um talude, cavado no saibro natural, e tem, por isso, uma só face. Continua-se ainda por debaixo das zonas a escavar. Esta parede será a de mais recente construção por se sobrepor à B e esta, por seu turno, à A. É provável que no topo norte do muro B pudesse ter havido uma entrada estreita que, se existiu, teria aspecto fruste, por falta de soleira e por as pedras da base da ombreira serem de pequeno tamanho.

Neste sector A o maior número de camadas estratigráficas está do lado poente de cujo corte apresentamos um desenho planificado (Est. III, 1). O primeiro estrato, que não cobre todo o sector, com variações geológicas de terra vegetal e de cal, deriva da limpeza do adro e da capela. O espólio arqueológico que nos deu era, cronologicamente, muito variado: um ou outro resto de cerâmica de época moderna, alguns fragmentos de sigilata clara D e uma pequena porção de bordo de vidro de uma taça gomada, polido a esmeril, de coloração verde muito pálida, do séc. I. A segunda camada é de saibro e deriva, sem dúvida, do desaterro efectuado por causa das obras do adro³. O 3.º estrato, de cor escura, estaria à superfície antes da feitura do adro. Cobria todo o sector. O seu espólio, de épocas várias, adiante será descrito. O estrato 4.º, de coloração barrenta, ligeiro e pobre em espólio, deve remontar às obras da 1.ª capela. A quinta camada, de cor escura, terra vegetal, tem muitas pedras cuja posição, segundo o seu centro de gravidade, não é a de deposição natural, o que revela ser camada revolvida. Do ponto de vista arqueológico foi o estrato mais rico, dando, sobretudo, materiais do séc. IV e outros, certamente, posteriores. Inicia-se no muro C e continua no topo norte do sector, abrangendo-o, porém, todo, na parte central, no sentido nascente-poente (Est. III, 1 e 2). O sexto é formado por uma espessa camada de terra amarelada, com bastantes pedras misturadas, e data, certamente, o fim do edifício. A cor barrenta é resultado da argamassa das paredes caídas.

Aí foram encontrados materiais também dos sécs. IV-V. O sétimo estrato corresponde a um piso que, pela cinza e cerâmica aparecida, parece relacionar-se com um solo de habitação. Deu cerâmica cinzenta com decoração brunida, de tradição da época do Ferro do Centro do País e outra, de aspecto mais arcaico, de pasta muito micácea e arenosa,

³ A actual capela, bem como o adro, devem datar dos princípios do séc. XVIII. Porém, já anteriormente aí havia capela, pelo menos, do séc. XVI. O estrato 4, que se sobrepõe a um de terra negra vegetal, deve ter sido causado pela primitiva construção.

com sintomas de ter sido ultimada à mão. Há mesmo um pequeno fragmento totalmente de fabrico manual. Este estrato foi cortado para o lançamento do muro A, antes referido. Quase no topo norte deste corte há mais dois estratos, o oitavo e o nono. O primeiro, de cor escura, arqueologicamente, foi estéril e o segundo, com cinza e saibro, pareceu-nos ser um piso de ocupação, mas nada de importante deu por dele ter sido descoberta só uma pequena parte. Estende-se para a zona oeste, ainda por escavar.

Quadrado I

A terra proveniente do aterro do adro não atingia a superfície deste quadrado. O estrato 1, de terra negra vegetal, corresponde, por isso, ao nível 3 dos demais quadrados.

O espólio foi reduzido, limitando-se a seis pequenos bordos de cerâmica de bom toque, com manchas escuras, pasta muito arenosa, tardios e a um bocado de vasilha, de paredes espessas, pasta cheia de areia, mas bem cozida, que apresenta ornamentação pintada, feita por linhas de ocre escuro (Est. IV, 1). No estrato dois, de pouca espessura, apareceram dois pequenos fragmentos de sigilata hispânica, muito reduzidos e de má qualidade e o bordo de um almorfariz (Est. V, 1), cor avermelhada, pasta bem cozida e arenosa, certamente de época tardia. O terceiro estrato, correspondente ao quinto nos outros quadrados, deu abundante cerâmica: um fragmento de sigilata clara C, diversas amostras de sigilata hispânica, de aspecto tardio, alguns fragmentos de um tipo de cerâmica que julgamos estar na sequência da forma 37 tardia, hispânica, a que adiante aludiremos, além de diversos bordos de cerâmica bem cozida, pasta muito arenosa, possivelmente posteriores ao séc. IV. Encontrou-se ainda um fragmento de louça, de pasta mais apurada, cor escura (Est. IV, 2 e V, 2), que pela forma e perfeita modelação, parece de boa época, embora tenha mau toque. Sendo escura é, porém, muito diferente da cerâmica cinzenta de tradição pré-romana.

No estrato quarto apareceram alguns fragmentos de cerâmica cinzenta, decorada a seixo e parte de um bojo de

ânfora romana, de coloração beije. Na base do estrato encontraram-se dois bocados de cerâmica, muito micácea, feita à mão, de aspecto pré-romano, um dos quais pertencia a uma asa de secção redonda.

Quadrado II

O estrato primeiro deu materiais quase só da época moderna, a não ser um fragmento de vidro, de uma taça gomada, do séc. I, a que já nos referimos.

O terceiro, geologicamente formado por uma terra escura, vegetal, deu, sobretudo, cerâmica tardia. Entre ela distinguimos um fragmento de sigilata hispânica, pequeno em demasia para lhe definirmos a forma, um bocado do gargalo de uma bilha (Est. V, 3), e um bordo de prato fundo, pasta cheia de areia, sinais externos de ter sido utilizado nas lareiras (Est. V, 4). Estes dois últimos tipos de cerâmica são vulgaríssimos nas necrópoles luso-romanas, tardias, da região. Saliente-se ainda o encontro de um bordo de um pequeno *dolium*, de cor avermelhada (Est. V, 5).

O estrato 4, estreita camada de cor barrenta, deu pouco espólio: um fragmento de asa interior, de secção em D, muito frequente em níveis castrejos romanizados, um bocado de asa geminada de cerâmica e um peso de barro, possivelmente, de tear.

O quinto estrato, correspondente a grande camada de remeximento, de terra negra, com muitas pedras e restos de tégulas, ofereceu, além de seis moedas do séc. IV⁴, diversos fragmentos de um prato de sigilata clara vermelha, estampada, de boa qualidade e bom desenho (Est. IV, 3). Neste mesmo estrato apareceram dez bocados de bordo de clara D, da forma 54 de Lamboglia, e que, ao menos em parte, deviam pertencer ao prato antes referido. Apareceu ainda um bordo de almofariz de clara D, da forma 38 de

⁴ Para poderem ser classificadas precisam de ser, previamente, limpas.

Lamboglia (Est. V, 6) e um fragmento da parede de uma 29, hispânica, (Est. IV, 4 e V, 7), de pasta cheia de calcite e de verniz espesso e brilhante, mas muito estalado⁵. Parece-nos ser uma imitação fruste, da forma 4, hispânica, uma vasilha (Est. IV, 5 e V, 8) aqui encontrada, porque, embora o interior da pasta seja esbranquiçada, cobre-a um engobe avermelhado. As maiores diferenças estão no pé. Havia ainda muita cerâmica que pelas formas, qualidade, coloração e toque da pasta, era de época tardia. Entre ela caracterizamos três pedaços de bordo (Est. VII 1, 2 e 3), os dois primeiros de pasta arenosa, coloração cinzenta-terrosa, bom toque, e o terceiro, de grande *olla*, também de boa cozedura, tem pasta mais apurada e é de cor avermelhada. Neste estrato apareceu ainda um pedaço de *imbrex* (Est. IV, 6) com as letras A I, e o lábio de uma ânfora, de boa época, bem cozido e coloração esbranquiçada (Est. VII, 1).

Como no estrato quinto também no sexto havia muitas pedras e fragmentos de tégulas, mas a sua cor era barrenta. Entre o material aparecido saliente-se um bocado de peso cerâmico, trapezoidal, um resto de cerâmica cinzenta, um fragmento de sigilata sud-gálica, da forma 15/17, um bordo de prato de imitação de vermelho pompeiano, o bico de um gargalo trilobado, tão frequente na louça luso-romana de necrópoles da região e diversos restos cerâmicos de aspecto tardio. Foi neste estrato que apareceram vários fragmentos de uma tigela, perfeitamente reconstituível, tipo de louça que foi muito frequente em todo este sector, que servia para pisoar e que consideremos uma sequência da forma 37 hispânica, tardia (Est. VI, 4). Baseamo-nos para afirmar isto, sobretudo, em um fragmento de tigela, reconstituível, existente no Museu de Antropologia do Porto (Est. IV, 7) e que pelo verniz cor de laranja, pouco aderente, no lado externo, ausência de pé e sem verniz internamente, sem poli-

⁵ As duas zonas decoradas estão limitadas por molduras ladeadas por dupla linha de perlas, de tradição sud-gálica. A forma e temática decorativas são, porém, tipicamente hispânicas pelas métopas, pelas linhas onduladas, pela espécie de pontas de seta foliformes e, em estilo de transição, pelos círculos que apresenta na zona inferior.

mento deve considerar-se uma 37 tardia, lisa, embora, tipologicamente, algo diferente das formas dadas por Mesquiriz⁶. O estrato 7, relativamente fino, composto de terra saibrenta e cinza, sugere ter sido o piso de uma casa ou terraço de ocupação. Ocupava a zona sudoeste deste quadrado, estendendo-se para debaixo do adro. Como já referimos, foi em parte destruído para lançar os alicerces do muro A e poderá datar dos fins do séc. I. Dentre o espólio salientemos um fragmento de pé de cerâmica, bem torneado, de boa qualidade e do género da «imitação bracarense» (Est. VIII, 1), um fundo de louça cinzenta, bem cozido e bem modelado (Est. VIII, 2) e três outros fragmentos de cerâmica da mesma qualidade com decoração brunida (Est. VIII, 3, 4, 5 e Est. VII, 2). Apareceram ainda dois bordos de pratos, um de tonalidade acinzentada (Est. VIII, 6 e VII, 3) e outro de cor avermelhada (Est. VIII, 7 e VII, 4) pastas cheias de areia e mica, o que garante o seu arcaísmo, tanto mais que têm sinais de terem sido ultimados à mão.

Quadrado III

No estrato 1 apareceu um bordo de prato de vermelho pompeiano, de boa qualidade e, seguramente, de importação (Est. VIII, 8). Sem referência a estratos encontrara-se já um fragmento de fundo de prato desta qualidade, bem torneado (Est. VIII, 9).

No nível dois, além de um resto de uma 15/17, sud-gálica (Est. VIII, 10), de muito boa qualidade, verniz muito aderente e de forte brilho, foram encontrados dois fragmentos de cinzenta, decorada a seixo, e um bocado de um fundo de boa cerâmica, com engobe branco. É possível que estes restos, de boa época, tenham vindo das obras do adro. Um bordo, bem cozido, avermelhado, (Est. VII, 5) parece tardio. Também aqui apareceu, um bordo de *dolium* pequeno

⁶ Não há. dúvida de que nas paredes se parece mais com a forma 27, mas esta não atinge época tão tardia.

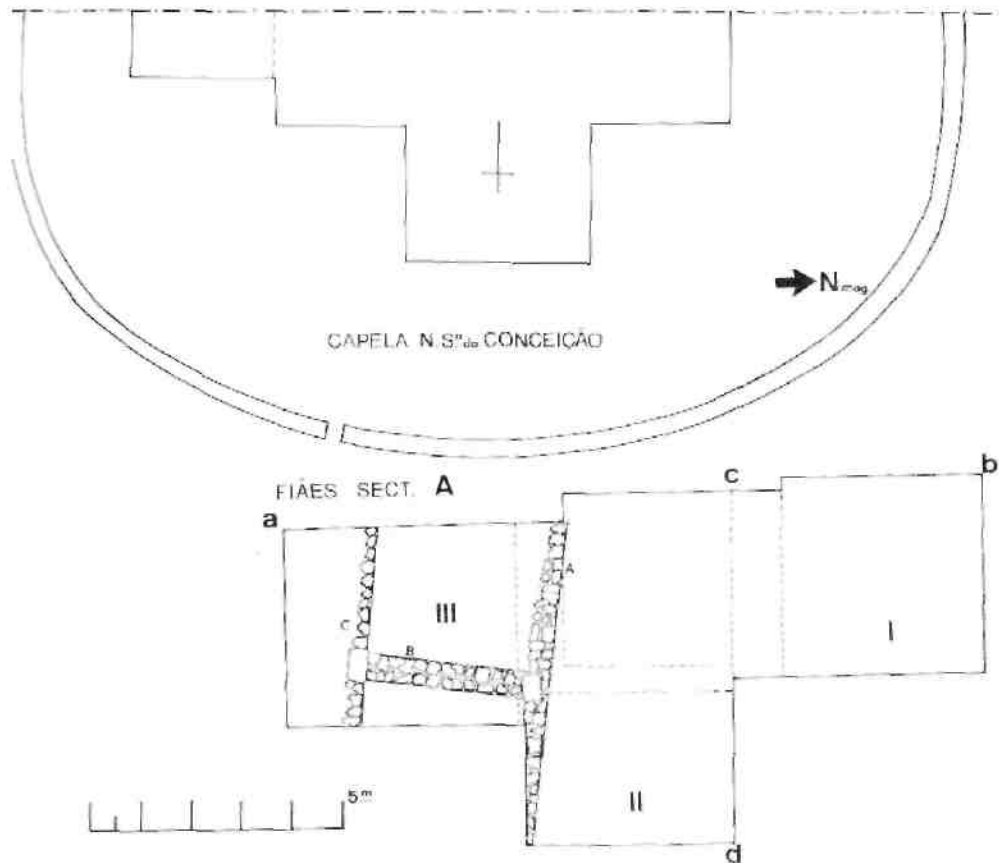
(Est. VII, 6) que, pela mica que tem e pelas tonalidades avermelhadas e escuras que apresenta, deve ser antigo.

No estrato 3, na sua base, há a notar o aparecimento de minúsculos fragmentos de cerâmica micácea, de aspecto manual.

Sem quaisquer referências estratigráficas, por resultarem de achados fortuitos, noticiamos o encontro de um fragmento de uma 37 hispânica (Est. VIII, 11) e o fundo de um pequeno vaso, pasta internamente vermelha e externamente cinzenta, que foi areado (Est. VIII, 12). Por parecer de boa época, é possível que tenha sido influenciado pelos vasos de paredes finas, areados.

Concluindo, poderemos afirmar que este sector, embora com sintomas do séc. I, foi ocupado mais tardiamente, provavelmente no séc. IV.

Apesar da abundância de cerâmica, por não se ter encontrado uma boa seriação cronológica dos estratos, não ficamos com uma ideia muito precisa da evolução de louça comum, local. O próprio estrato 6 deu materiais tardios. Os restos arquitectónicos exumados, certamente pertencentes ao mesmo edifício, têm aspecto tardio e na parte sudoeste do quadrado II uma porção do muro A rasgou parte do estrato 7. Não conseguimos definir a finalidade do edifício. Esperemos que novas escavações produzam resultados mais esclarecedores através de estratos, cronologicamente, melhor seriados.



Fiães— Planta do Sector A

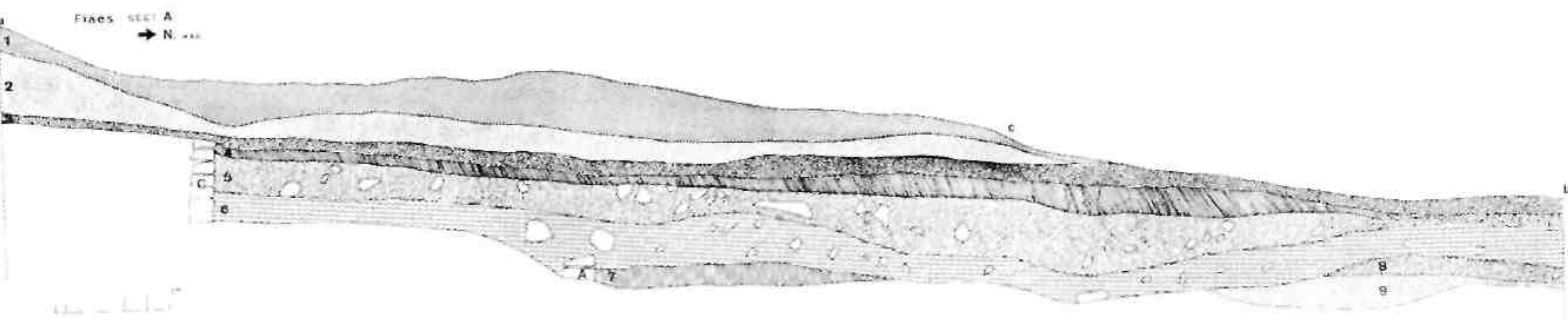


Fig. 1 — Flães — Sector A. Aspecto geral do local escavado

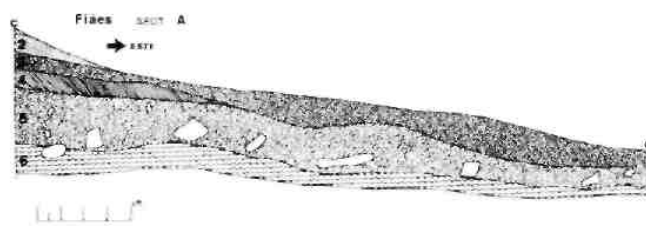
Fig. 2 — Vista dos quadrados II e III e do muro A



Fig. 3 — Ligação do muro B com a parede C



1 — Desenho do corte estratigráfico do Sector A do lado poente



2 — Desenho da leitura estratigráfica, no Sector A, ao longo do lado norte do quadrado II



1



2



3



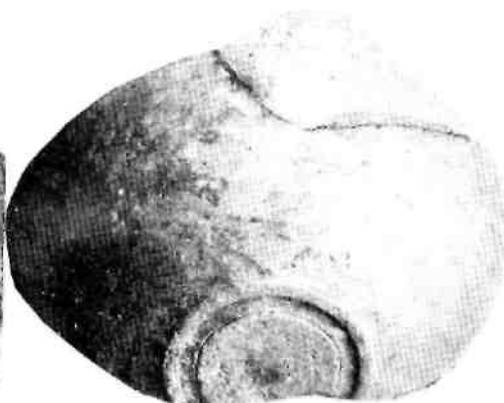
4



5

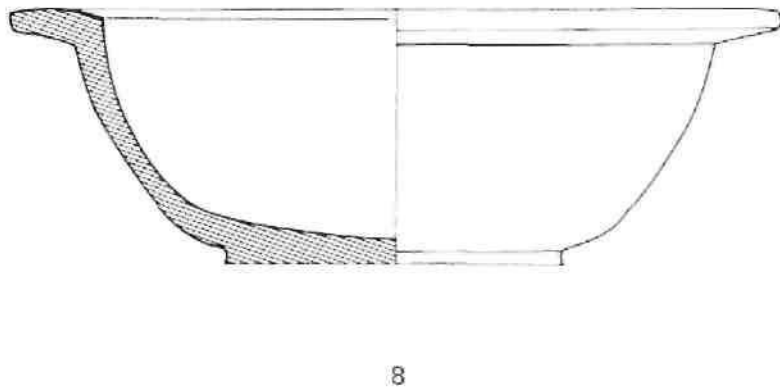
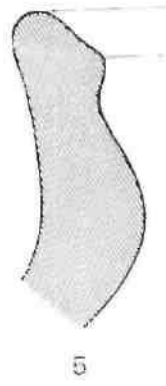
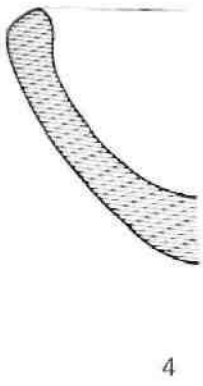
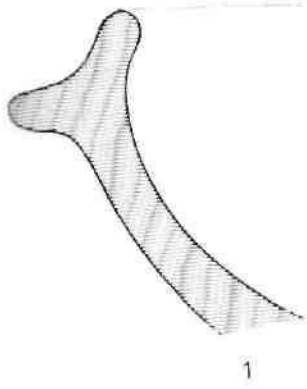


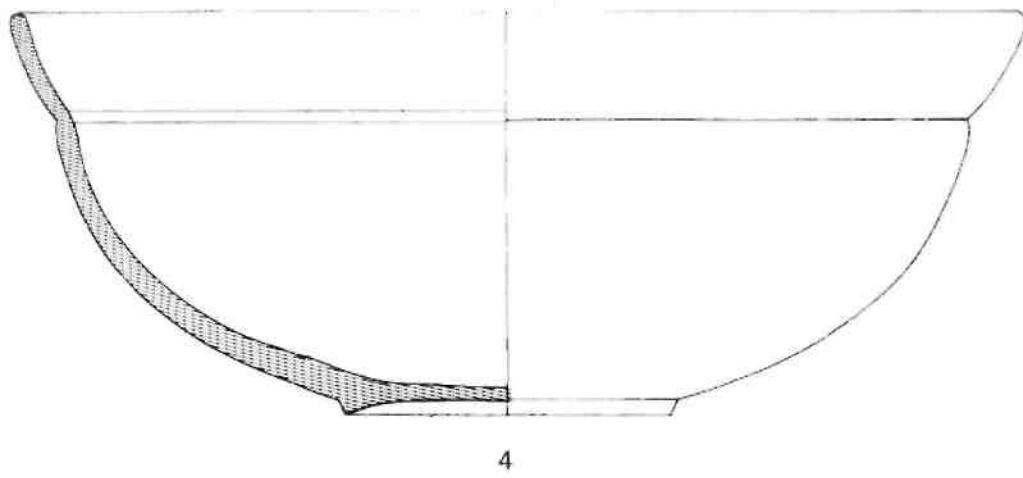
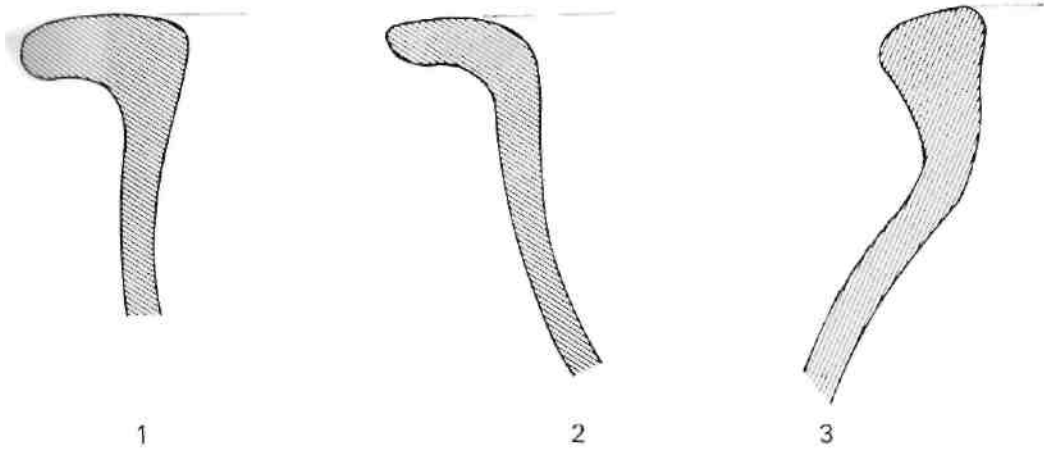
6

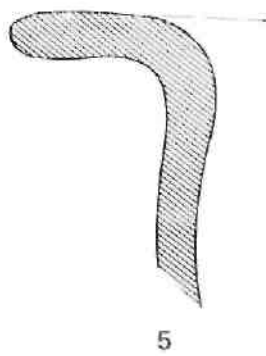
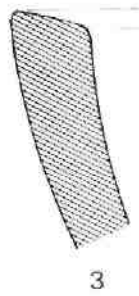
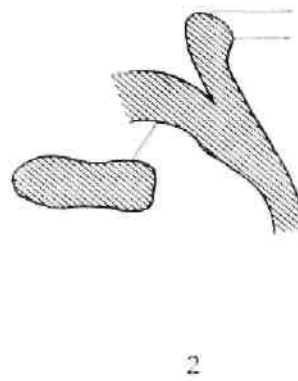


7

Escala aproximada 1:3









1



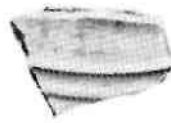
2



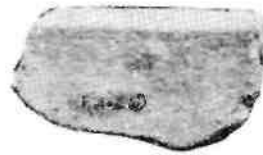
3



4



5



6



7



8



9



10



11



12

Escala aproximada 1:2